



Narrativas alimentares: significados da insegurança alimentar e nutricional em idosos

Laise Rodrigues dos Santos^{1*}, Lilian Barbosa Ramos², Maria do Carmo Soares de Freitas³ e Virgínia Campos Machado⁴

A população idosa dispõe de memórias que refletem diferentes momentos de incertezas alimentares e políticas públicas voltadas à alimentação. Nesse sentido, este trabalho objetiva analisar a história alimentar de idosos, sobretudo no que concerne aos significados da insegurança alimentar e nutricional em suas vidas, bem como suas implicações nas escolhas alimentares atuais. O estudo foi desenvolvido por meio de narrativas autobiográficas na perspectiva sócio-histórica. Os resultados mostram a coexistência da negação da fome e das estratégias utilizadas nos momentos de insegurança alimentar e nutricional vivenciados pelas participantes e suas famílias. Também são apresentados os desejos alimentares que surgiram em momentos vulneráveis anteriores e como eles afetam a alimentação atual dos participantes. Diante do observado, destaca-se que a escuta do sujeito permitiu uma reflexão e percepção da alimentação para além do campo biológico, evidenciando a complexidade da experiência alimentar desses indivíduos.

Palavras-chave: Fome, Insegurança alimentar, Idosos, Narrativas do comer.

Food narratives: meanings of food and nutrition insecurity in the elderly

The elderly population has memories that reflect different moments of food uncertainties and public policies aimed at food. In this sense, this work aims to analyze the food history of the elderly, especially with regard to the meanings of food and nutritional insecurity in the lives of these subjects, as well as the implication in their current food choices. The work is developed through autobiographical narratives in the socio-historical perspective. The results demonstrated the coexistence in the lines of denial of hunger and the strategies used in moments of food and nutritional insecurity experienced by the participants and also by their families. Food cravings are satisfied even in the different previous moments and their reflection in the current diet. In view of the observed, it is highlighted that listening to the subject allows reflection and perception of food in addition to the biological field.

¹ *Universidade Federal da Bahia (UFBA). Endereço para correspondência: *E-mail:* laisers@gmail.com. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9843-7491>.

² Universidade Federal da Bahia (UFBA). *E-mail:* lilianbramos@gmail.com. ID ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2357-7377>.

³ Universidade Federal da Bahia (UFBA). *E-mail:* carmofreitas@uol.com.br. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8310-0933>.

⁴ Universidade Federal da Bahia (UFBA). *E-mail:* virginia.campos@ufba.br. ID ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3568-7343>.

Keywords: Hunger, Food Insecurity, Aging, Narratives of eating.

Submetido em: 15/08/2022

Aceito em: 04/05/2023

INTRODUÇÃO

A insegurança alimentar e nutricional (ISAN) está relacionada a qualidade e quantidade insuficientes dos recursos alimentares, o que resulta em uma ingestão nutricional deficiente em diferentes populações^[1]. No cenário brasileiro, a discussão sobre esse tema surgiu em meados da década de 1930 com ênfase na produção e escassez de alimentos, o que foi questionado anos depois por Josué de Castro ao identificar na inadequada distribuição de renda o fator que dificulta o acesso ao alimento por uma parcela da população^[2-4]. Outrossim, junto ao processo de redemocratização, a agenda governamental sobre segurança alimentar e nutricional (SAN) foi desenvolvida com políticas públicas visando à garantia do Direito Humano à Alimentação Adequada – DHAA^[5].

No atual cenário brasileiro, o II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19^[6] identificou que, entre novembro de 2021 e abril de 2022, 74,2% dos domicílios apresentavam algum grau de instabilidade alimentar e ISAN, o que coloca o país de volta ao mapa da fome. Diante disso, este artigo argumenta que a população idosa experimenta incerteza alimentar em diferentes momentos de suas histórias de vida, com frequências distintas, dependendo do cenário sociodemográfico estudado. Assim, na perspectiva sócio-histórica, o estudo da ISAN requer um olhar que vá além da dimensão objetiva da desigualdade entre as classes econômicas, contemplando também a dimensão subjetiva, ou seja, as significações que os sujeitos produzem por meio de suas vivências^[7].

Segundo Bosi^[8], “a memória é essa reserva crescente a cada instante e que dispõe da totalidade da nossa experiência adquirida” (p. 10). Em outras palavras a memória não é um reflexo especular da experiência, pois a mesma reflete a totalidade e pode ser avaliada, selecionada e ressignificada em determinados momentos. No que tange à

alimentação, a memória está relacionada às escolhas, às preferências e à conexão do indivíduo com a comida^[9]. Falar sobre alimentação no contexto do envelhecimento possibilita ao indivíduo rememorar sentimentos, mágoas e lembranças que compõem a sua identidade^[10]. Ademais, a alimentação representa a história cultural dos povos e se intercala entre diferentes fatores afetivos, o que pode ser observado quando se considera o contexto social mais amplo e também os mais específicos, referentes à família^[11].

A produção científica, especialmente quando se consideram os estudos qualitativos que abordam a memória e a narrativa como possibilidade para a compreensão dos sentidos da alimentação, não acompanha o crescimento dessa população. Tal panorama é corroborado pelos achados de Firmo e colaboradores^[12], que identificaram a produção de 37 artigos/ano no período de 2016-2019 na temática do envelhecimento, sendo apenas 16% com abordagem qualitativa. Desse modo, a investigação narrativa agrega e permite a ampliação dos conhecimentos dos profissionais de saúde, pois a mesma se compõe com o cotidiano e as experiências dos idosos, bem como a partir da interação de ambos^[13].

No compartilhamento de experiências intergeracionais, que surge enquanto contexto de produção de narrativas, há transmissão oral das memórias alimentares, o que permite compreender a história de uma determinada família e de uma comunidade inseridas no mesmo contexto. As falas surgem em momentos de comparação com o presente para exposição de lutas, inseguranças e adversidades que, mesmo superadas no tempo presente, ainda impactam o consumo alimentar e as maneiras como lidam com as restrições alimentares^[13].

Diante do exposto, esse texto objetiva analisar a história alimentar de idosos, sobretudo no que concerne aos significados da ISAN e nutricional na vida desses sujeitos, assim como a implicação nas suas escolhas alimentares atuais.

MÉTODOS

Contexto da pesquisa

Esta pesquisa foi concebida no âmbito de uma disciplina do Programa de Pós-Graduação em Alimentação, Nutrição e Saúde (PPGANS), cujo objetivo era problematizar as questões de alimentação e cultura em conjunto com a produção de pesquisas qualitativas no campo da alimentação e nutrição. A disciplina foi oferecida no segundo semestre de 2020, período em que o II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil foi divulgado, confirmando a volta do Brasil ao mapa da fome^[6].

Os debates que ocorreram durante a disciplina destacavam a preocupação com a ISAN, especialmente em relação aos mais vulneráveis, diante das dificuldades enfrentadas durante a pandemia e o retorno do país ao mapa da fome. Nesse contexto, uma das autoras, LRS, percebeu semelhança entre as narrativas destacadas no livro e algumas falas recorrentemente presentes no contexto familiar. Assim, LRS se propôs a escrever um diário de campo ao longo das discussões na disciplina, apontando as histórias familiares que recordava, as quais se relacionavam com o tema.

Após a produção das narrativas, as anotações foram compartilhadas com as demais autoras para a construção deste trabalho. Então, todas realizaram a leitura das falas e identificaram os principais tópicos abordados, buscando estabelecer conexões entre as histórias particulares rememoradas e o histórico da ISAN no Brasil. A partir daí foram definidos os eixos de discussão que orientaram a elaboração do artigo.

Dessa maneira, o trabalho se organiza na apresentação das falas autobiográficas na perspectiva da psicologia sócio-histórica. Parte-se do entendimento de que tais narrativas possibilitam a interpretação do sujeito social e histórico, bem como a identificação e desnaturalização dos fenômenos, na medida em que permitem apreender a gênese social de processos individuais, tal como proposto por Vigotski^[14,15].

Ao pensar na formação da(o) nutricionista, as narrativas autobiográficas se constituem como um dispositivo pedagógico em constante movimento perceptivo^[16,17]. Além disso, ao focar na formação profissional, a narrativa é um dado sempre em modificação, inerente ao narrador. Portanto, são necessários movimentos de idas e vindas às falas e memórias, proporcionando ao autor perceber-se enquanto interlocutor/leitor^[6]. A pesquisa (auto)biográfica permite, por meio das narrativas expostas, apreender a compreensão de mundo, os sentimentos, as percepções de indivíduos ou grupos, bem como suas interações com o contexto social em que estão inseridos^[18].

Sujeitos da pesquisa: Quem são as pessoas por trás das falas.

De acordo com Bosi^[8], "a memória é uma fonte inesgotável de conhecimento e permite-nos manter vivas as experiências do passado, incorporando-as ao presente e ao futuro" (p. 9). A memória é fundamental para a relação do corpo presente com o passado e para a compreensão das experiências humanas e suas significações. Nesse sentido, as narrativas autobiográficas são importantes fontes de informação e carregam aspectos materiais e emocionais que estão diretamente relacionados às condições sócio-históricas vividas pelos sujeitos. Assim, antes de apresentar as falas dos sujeitos, é importante apresentar uma breve biografia, oriunda dos relatos autobiográficos, a fim de contextualizar o histórico e a trajetória dos participantes deste estudo sobre memória e ISAN:

Dona Milu (nome fictício) nasceu em 1927 na cidade de Salvador, Bahia. Mulher negra, perdeu a mãe aos 8 anos de idade e foi morar com as tias maternas. Estudou até a 4ª série (atual 5º ano do Ensino Fundamental I) com gratuidade, mas não pôde dar continuidade aos estudos. Aos 22 anos, teve seu casamento arranjado e enfrentou dificuldades e violência no relacionamento. O ano de 1970 foi marcado pelo momento da separação do marido e a certeza de que estava sozinha para cuidar dos nove filhos. Sem condições de manter sozinha o aluguel e sem contar com o ex-companheiro para a manutenção das despesas, Dona Milu teve a oportunidade de obter a casa própria, de taipa, em um bairro periférico sem acesso a saneamento básico e energia. Para sustentar sua família, Dona Milu

confeccionava produtos de sisal e os vendia em um espaço disponibilizado pelo Instituto Mauá. Tinha como religião o candomblé e amava o samba. Realizava suas compras nos mercadinhos do próprio bairro e aos sábados na Feira de São Joaquim. Tinha o costume de abrigar pessoas, principalmente aquelas que encontrava na rodoviária vindas do interior para consultas médicas. Ela valorizava o estudo, significado como forma de melhorar a vida, e conseguiu manter todos os seus filhos na escola. Sua família cresceu, totalizando 36 netos, 43 bisnetos e 2 tataranetos até a elaboração deste artigo. Dona Milu faleceu aos 92 anos.

Dona Ester (nome fictício) nasceu em 1946 no interior da Bahia, na cidade de Santa Terezinha. Cresceu em uma família com a mãe e o irmão mais velho, e só conheceu o pai aos 30 anos. Estudou até a antiga 4ª série, pois era a última com gratuidade. Casou-se aos 18 anos, quando teve a primeira filha dos oito que viria a ter. No quintal de sua casa havia uma plantação de feijão de corda, banana, cajá e cana, além da criação de animais como galinhas e porcos. Para complementar a alimentação, realizava compras na feira da cidade vizinha. Viveu toda a sua juventude no interior, mas precisou se mudar para a capital no ano de 1976 para que os filhos continuassem os estudos e em busca de melhores condições de trabalho. Na capital, entretanto, deparou-se com piores condições de moradia em um bairro periférico, com a casa construída de taipa, sem acesso a saneamento básico. Para o abastecimento de água, realizava coleta em uma fonte próxima ao bairro, ao passo que, para a compra dos alimentos, frequentava feiras e supermercados. Essa rotina era algo novo para sua família. Em 1984, Dona Ester separou-se do marido e perdeu o emprego de auxiliar de serviços gerais em uma cervejaria. Com a ajuda dos filhos adolescentes, que faziam pequenos serviços para sustentar a família, ela trabalhou como doméstica pelos anos seguintes até sua aposentadoria. Durante esse período, realizou o sonho de acompanhar o crescimento e a formação acadêmica de grande parte de sua família, o que possibilitou a todos melhores condições financeiras atualmente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A história particular do sujeito sempre ocorre sob determinadas condições materiais de existência. Assim, pode-se dizer que há uma relação

dialética que articula as dimensões subjetivas e sócio-históricas que constituem um determinado fenômeno^[19].

Nesta pesquisa, ao explorar a compreensão das narrativas de ISAN das idosas, busca-se analisar as experiências dos sujeitos contrastando-as com os períodos históricos e com as políticas de segurança alimentar e nutricional. Dona Ester e Dona Milu, por meio de suas narrativas, nos permitem apreender as significações do ato de comer e da comida, como experienciaram e lidaram com a ISAN, o processo histórico de constituição de suas preferências alimentares e como tais fatores impactaram na sua alimentação ao longo da vida. A seguir, passamos à apresentação dos resultados.

Articulando experiências particulares e o histórico das políticas públicas de Segurança Alimentar e Nutricional

Ao longo dos anos, a abordagem do tema da SAN, bem como sua inserção na agenda governamental, tem sido permeada por interesses e atores sociais que conformam relações de poder as quais determinam diferentes potenciais de influência no que diz respeito à elaboração e à conformação das políticas públicas. No Brasil, tais disputas resultaram em um histórico das Políticas de SAN marcado por dificuldades em relação a execução, avaliação e institucionalização das ações, uma vez que as diretrizes são alteradas a cada governo de acordo com suas próprias perspectivas. Neste cenário de descontinuidades, foram observados avanços e retrocessos, porém, sem a efetiva resolução do problema da fome^[4].

A primeira metade do século XX, no contexto das duas guerras mundiais e a recessão econômica de 1930, redefiniu a forma de compreender a importância da alimentação, que passou a ser compreendida como importante fator de segurança nacional. Friedman e McMichel, em estudo publicado em 1989, caracterizam o papel da alimentação no desenvolvimento do modo de produção do capitalismo industrial como sendo dividido em dois momentos. O primeiro, que vai do final do século XIX até o início do segundo pós-guerra mundial, tem foco nas questões agrícolas – voltadas à mecanização e industrialização do campo – e na doação dos produtos excedentes americanos.

O segundo, difundido após a II Guerra Mundial, relaciona-se à atuação de empresas transnacionais na agricultura, no que se refere à transformação de sistemas alimentares a partir da conformação de um complexo agroalimentar global^[20].

O primeiro momento caracteriza o início do processo de institucionalização das Políticas de Segurança Alimentar e Nutricional no Brasil nos anos 1970/80, que tem como marcos históricos a criação (em 1979 e 1989, respectivamente) do Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição (INAN) e da coordenação da Política Nacional de Alimentação e Nutrição (PRONAN)^[21,22].

Na década de 1970, a distribuição de leite em pó ou fórmulas lácteas, no contexto dos programas de suplementação alimentar, cumpria um duplo objetivo: de um lado, servia como uma alternativa de ajuda alimentar; de outro, destacava seu propósito econômico ao possibilitar o escoamento do excedente de produção. A introdução desses alimentos tinha como objetivo padronizar hábitos e práticas alimentares, de acordo com os interesses capitalistas, não estando em consonância com a cultura alimentar dos beneficiários dos programas^[23,24]. Falas com as de Dona Milu nos permitem explorar vivências particulares mediadas por esse momento histórico.

É possível identificar, na fala de Dona Milu, como a recepção dessas doações foram significadas e marcaram sua relação com a comida. Ao narrar suas preferências e aversões alimentares, Dona Milu afirma: “Eu não gosto de nada de morango, me lembra o leite que pegávamos no posto quando os meninos eram pequenos.” Em sua fala, a idosa demonstra que o gosto de morango ativa recordações dos momentos de maior vulnerabilidade, retomando a trajetória e as experiências de quando “pegava” o leite no posto de saúde. Assim, deixa evidente que a experiência de ISAN se amplia até o processo de envelhecimento, impactando a alimentação e hábitos nesta fase da vida^[25].

A estreita relação entre interesses econômicos e a alimentação também fica evidente quando Dona Milu relata um período de dificuldade de acesso à carne. Ela narra que “teve uma época que faltava carne no mercado. Todo mundo chamava de carne de *Chernobyl*. Todo mundo tinha medo de

comer essa carne, mas a gente já comia mal, não podia faltar a carne”.

Essa fala de Dona Milu se refere à época do governo de José Sarney e à vigência do Plano Cruzado, em que o Brasil passava por uma grave crise econômica, marcada pela hiperinflação e pela queda da renda da população^[26]. Nesse contexto, o preço das carnes se elevou e esses itens tornaram-se inacessíveis para muitas famílias brasileiras, já que a exportação era priorizada. Concomitantemente, viu-se crescer o mercado informal de carne, com venda de produtos de origem duvidosa. O termo “carne de *Chernobyl*”, nesse sentido, denota o risco à segurança alimentar da população que passou a recorrer a essa alternativa para garantir acesso à carne bovina.

As narrativas exploradas até aqui demonstram, a partir da perspectiva do sujeito, a primeira fase das políticas de alimentação no Brasil, evidenciando que essas não defendiam a SAN no sentido do Direito Humano a Alimentação Adequada e Saudável. Sendo assim, colocavam em primeiro plano a necessidade de atender a interesses econômicos e orientavam ações assistenciais descontextualizadas das necessidades dos sujeitos.

A memória desse período, portanto, é permeada pela insegurança alimentar e, no contexto da volta do Brasil ao Mapa da Fome^[6], esses resultados ajudam a pensar como as experiências de fome deixam marcas subjetivas permanentes.

(In)Segurança Alimentar e Nutricional e gosto alimentar: narrativas que se cruzam

O segundo tópico nos auxilia a pensar a fome em um contexto de privação não somente do alimento, mas que por vezes se estende à negação da palavra e do gosto alimentar. Nesse sentido, iniciamos explorando narrativas que demonstram a limitação de acesso a alimentos em diferentes momentos da história de vida de Dona Milu e Dona Ester, mas que revelam a dificuldade de falar abertamente sobre a fome. No que tange ao gosto alimentar, exploramos como a busca do prazer em comer resiste ainda que ambientes de escassez, exemplificada em estratégias para “comer o que se gosta”, e de recusa ao que se “precisou” comer.

Para Freitas^[27], a fome é algo interdito, que muitas vezes se expressa no tom das vozes e no receio de pronunciar a palavra além dos gestos e impressões. Nessa direção, a dificuldade de falar sobre a fome faz com que ela apareça nas narrativas como eufemismos, metáforas ou em expressões que, ao negarem a fome, reafirmam sua existência. Portanto, a escuta atenta de falas das idosas permitem apreender diferentes significados atribuídos à fome.

Algumas histórias narradas no contexto familiar e repassadas às gerações demonstram preocupação em relação à quantidade de alimento disponível, bem como as estratégias criadas para lidar com a fome, como o racionamento da comida disponível:

Eu comprava pão de vara, uma para três. Era sempre uma briga na hora de dividir, ninguém queria o meio porque tinha a ideia que era menor. Depois colocava o saco no alto, assim ninguém poderia pegar. (Dona Ester)

Às vezes eu saía pro trabalho sem tomar café da manhã. E sempre que chegava, as meninas me perguntavam e eu dizia que sim, mas elas sabiam que não, e cada uma compartilhava o café comigo (Dona Ester).

As falas de Dona Ester representam a realidade de outras mulheres que vivenciam a ISAN. Em um contexto de maior vulnerabilidade social, com ênfase nas famílias que as mães são as únicas provedoras financeiras, há uma preocupação com a falta de comida e tal repercussão possui um papel no cotidiano de moradores de comunidade^[28]. Assim, ao dividir o pão “em três”, colocar “o saco no alto” para impedir que seu consumo pelas crianças ou quando “saía para o trabalho sem tomar café da manhã”, passando a contar com a solidariedade das colegas de trabalho, Dona Ester narra a sua experiência com a fome, ainda que sem mencionar essa palavra.

Dona Ester não usa a palavra fome quando narra seu passado, e também não assumia sua condição quando a vivenciava pois, como transcrito, sempre que chegava ao trabalho, “as meninas” perguntavam se ela havia tomado café da manhã e ela “dizia que sim”, contando com a capacidade das suas

colegas de trabalho em apreenderem o não-dito – “mas elas sabiam que não”.

As crianças da casa também não tinham permissão de falar sobre a fome. Houve uma ocasião em que o filho caçula de Dona Ester machucou o pé e precisou de atendimento médico. O profissional questionou se a criança havia feito a refeição do café da manhã e Dona Ester respondeu que sim, sendo prontamente retrucada pela criança: “Tomei café, sei que café que eu tomei”. Assim como a mãe, dizendo sem dizer, a criança denunciava a fome.

Para falar das estratégias para lidar com a ISAN, Dona Ester e Dona Milu recorrem a eufemismos, negando a falta de alimentos em casa e identificando a busca de alimentos no final da feira e experiências de trabalho na infância como experiências de “distração” e brincadeiras:

Os meninos pegavam na feira no final da tarde as frutas que não seriam mais vendidas. Eles adoravam maçãs. Iam não porque faltava o que comer em casa, mas porque gostavam de aprontar. (Dona Ester)

Ele (o filho caçula) ajudava seu Lima a carregar os biscoitos de polvilho (Tupi) da fábrica até aqui no bairro, onde tinha a venda. Não era por dinheiro, mas sim pela distração e pela vontade de ganhar os biscoitos quebrados. (Dona Milu)

Os indivíduos encontram-se em constante busca por identificação, e existe a necessidade dos alimentos condizentes as suas preferências, hábitos e história. Assim, ao explorar as narrativas de idosos sobre suas preferências e aversões, percebemos que o gosto alimentar também se constitui como resistência ao alimento imposto pela fome. Há um jogo entre desejar o que não se tem acesso frequentemente, como demonstrado nas narrativas sobre as crianças, e recusar o que rememora períodos de escassez. Nesse sentido, Dona Ester afirma:

Hoje eu não gosto de comer cuscuz porque teve uma época de seca que não tinha farinha de mandioca, então a gente comprava farinha de cuscuz. E, em Salvador também, quando as coisas estavam difíceis, era o cuscuz sempre,

pelo menos era com leite de saco.
(Dona Ester)

A memória gustativa se articula com as sensações que evocam as lembranças do passado, as quais apresentam significados diferentes para os recordadores^[9]. Enxergar o sujeito no seu contexto histórico social e valorizar a rememoração da vida pessoal coloca a subjetividade como elemento importante para repensar o fazer pesquisa em alimentação e nutrição^[29].

A alimentação de pessoas socialmente vulneráveis por vezes é avaliada com base na ideia de comida para alimentar a fome fisiológica, dando ênfase nos aspectos nutricionais, a ração alimentar. Assim, existe uma normatização e cobrança social sobre a fome de quem vive na pobreza, impondo regras nutricionais a esses sujeitos que valorizam o atendimento às necessidades de um corpo físico e, ao mesmo tempo, ofuscam o caráter subjetivo e cultural da alimentação, negando-lhes a possibilidade ou direito aos seus desejos alimentares^[30].

CONCLUSÃO

Diante do exposto, pode-se concluir que investigar as condições de ISAN vivenciadas por idosos a partir de suas narrativas de memória permite compreender como as políticas públicas de alimentação e nutrição influenciaram na experiência alimentar desses sujeitos ao longo do tempo. Nesse sentido, a análise das memórias alimentares de idosos colocam em destaque aspectos culturais e históricos da alimentação, bem como os momentos de vulnerabilidade e privação que influenciaram os modos como significam a comida e a nutrição.

Sendo assim, evidencia-se a contribuição de pesquisas realizadas na interface entre os campos da alimentação e nutrição e das ciências humanas e sociais, as quais tomem os hábitos e práticas alimentares como objeto de estudo para além do biológico, ou seja, que considerem suas referências na própria dinâmica social. Pesquisas com essa abordagem podem contribuir para identificar lacunas e desafios na efetivação de políticas públicas de alimentação e nutrição que atendam às demandas desses sujeitos em diferentes contextos sociais e históricos, garantindo-lhes o direito à alimentação adequada e saudável em todas as fases da vida.

AGRADECIMENTOS

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia.

FINANCIAMENTO

Próprio.

CONFLITOS DE INTERESSE

Nada a declarar.

FUNÇÕES DOS AUTORES

Láise Rodrigues dos Santos e Virgínia Campos Machado foram responsáveis pela concepção do artigo; Láise Rodrigues dos Santos elaborou a primeira versão; Virgínia Campos Machado, Lilian Barbosa Ramos e Maria do Carmo Soares de Freitas fizeram aportes substanciais ao artigo, com aprofundamento da discussão dos aportes teóricos. Todos os autores aprovaram e revisaram a versão final.

REFERÊNCIAS

- [1] Aiyer JN, Raber M, Bello RS, Brewster A, Caballero E, Chennisi C, et al. A pilot food prescription program promotes produce intake and decreases food insecurity. *Transl Behav Med* [Internet]. 2019;9(5):922–30. doi: 10.1093/tbm/ibz112
- [2] Campello T, Nascimento RC do, Martins APB, Yamaoka M. Novas Geografias: atuais e antigos dilemas da fome. *Segurança Aliment e Nutr* [Internet]. 2022;29:e022006. doi: 10.20396/san.v29i00.8670346
- [3] Pedrotti F, Oliveira Silva D. Segurança Alimentar e Nutricional no Brasil: ontem, hoje e o amanhã Food and Nutritional Security in Brazil: yesterday, today and tomorrow Seguridad Alimentaria y Nutricional en Brasil: ayer, hoy y mañana. *Rev Alim Cult Américas-RACA* [Internet]. 2022;3(2):147–75. doi: 10.35953/raca.v3i2.135
- [4] Silva SP da. A trajetória histórica da Segurança Alimentar e Nutricional na agenda política nacional: projetos, desconstruções, e consolidação [Internet]. Brasília; Rio de Janeiro: Ipea; 2016. p. 1–23. doi: <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/3019>
- [5] Burity, V., Franceschini, T., Valente, F., Recine, E., Leão, M., & Carvalho MDF. Direito Humano à Alimentação Adequada no Contexto da Segurança Alimentar e Nutricional [Internet]. ABRANDH, organizador. Brasília; 2010. 204 p.

Disponível em: https://fianbrasil.org.br/wp-content/uploads/2016/12/dhaa_no_contexto_da_san.pdf

[6] PENSSAN RB de P em S e SA. II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da COVID-19 no Brasil [Internet]. PENSSAN RB de P em S e SA, organizador. São Paulo; 2022. 171 p. Disponível em: https://olheparaafome.com.br/VIGISAN_AF_National_Survey_of_Food_Insecurity.pdf

[7] Melsert AL de M, Bock AMB. Dimensão subjetiva da desigualdade social: Estudo de projetos de futuro de jovens ricos e pobres. *Educ e Pesqui* [Internet]. 2015;41(3):773–89. doi: 10.1590/S1517-9702201507135302

[8] Bosi É. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras; 1994. 484 p.

[9] Walker-Clarke A, Walasek L, Meyer C. Psychosocial factors influencing the eating behaviours of older adults: A systematic review. *Ageing Res Rev* [Internet]. 2022;77(August 2021):101597. doi: 10.1016/j.arr.2022.101597

[10] Cruz ST da, Palma SW, Kirsten VR, Chagas P, Dallepiane LB. Comida à mesa: afeto, memória e história saborizada de idosas descendentes de italianos. *Rev Bras Ciências do Envelhec Hum* [Internet]. 2019;16(3):35–46. doi: 10.5335/rbceh.v16i3.7703

[11] Martins RM. Consumo alimentar e uso de preparações regionais por pessoas idosas: um estudo qualitativo. *Rev Kairós* [Internet]. 2018;21(2):193–213. doi: 10.23925/2176-901X.2018v21i2p193-213

[12] Firmo JOA, Peixoto SV, de Souza GA, Filho AI de L. Evolution of publications on health of the older adults in the journal *Ciência & Saúde Coletiva*. *Cienc e Saude Coletiva* [Internet]. 2020;25(12):4853–62. doi: 10.1590/1413-812320202512.16662020

[13] O’Kane G, Pamphilon B. The importance of stories in understanding people’s relationship to food: Narrative inquiry methodology has much to offer the public health nutrition researcher and practitioner. *Public Health Nutr* [Internet]. 2016;19(4):585–92. doi: 10.1017/S1368980015002025

[14] Vygostsky L. *A formação social da mente*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes; 1998. 90 p.

[15] Gonçalves M da GM, Bock AMB. Dimensão subjetiva: uma proposta para uma leitura crítica da Psicologia. São Paulo: Cortez Editora; 2020. 286 p.

[16] Ponciano NP, Lima ITS De. Pesquisa (Auto)Biográfica e produção de fontes orais: reflexões sobre História Oral

temática e a formação docente. *Brazilian J Dev* [Internet]. 2021;7(1):11526–34. doi: 10.34117/bjdv7n1-785

[17] de Aguiar WMJ, Machado VC. Psicologia sócio-histórica como fundamento para a compreensão das significações da atividade docente. *Estud Psicol* [Internet]. 2016;33(2):261–70. doi: 10.1590/1982-02752016000200008

[18] Santos JMO, Estevam RA, Martins T de M. Pesquisa (auto)biográfica. *Ensaios Pedagógicos*. 2018;2:45–53.

[19] Souza CA. A relação dialética entre subjetividade e objetividade: materialismo histórico e psicologia histórico-cultural. *Germinal Marx e Educ em Debate* [Internet]. 2019;11(1):325. doi: 10.9771/gmed.v11i1.27465

[20] Pinheiro, A. Análise histórica do processo de formulação da Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (2003-2006): atores, ideias, interesses e instituições na construção de consenso político. Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília. Brasília: Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília; 2009. 234 p.

[21] Brasil. Portaria nº 1.301, de 29 de julho de 1989. Institui a Coordenação da Política Nacional de Alimentação e Nutrição - PRONAN e dá outras providências. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/1989/prt1301_29_07_1989.html.

[22] Brasil. Lei nº 6.050, de 24 de maio de 1974. Cria o Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6050.htm.

[23] Vasconcelos FAG. Combate à fome no Brasil: uma análise histórica de Vargas a Lula. *Rev Nutr* [Internet]. 2005;18(4):439–57. doi: 10.1590/s1415-52732005000400001

[24] Vasconcellos ABP, Moura LBA. Food and nutritional security: Situation analysis of decentralization in the national public policy. *Cad Saude Publica* [Internet]. 2018;34(2):1–13. doi: 10.1590/0102-311X00206816

[25] Thomé MT. O idoso na sociedade contemporânea. *Brazilian J Dev* [Internet]. 2019;5(8):11440–53. doi: 10.34117/bjdv5n8-021

[26] Melo JMP, Ramos L de M, Guimarães PV de S. Política Econômica do Governo Sarney: o Plano Cruzado e as eleições de 1986. *Ciência política Produção decisória, governança e Ecol Organ* [Internet]. 2022;(1986):36–50. doi: 10.22533/at.ed.5832225074

[27] Freitas M do CS de. *Agonia da fome*. Agonia da fome. 2003. 281 p.

[28] Aliaga MA, Ribeiro MS, Dos Santos SMC, Trad LAB. Participatory food and nutrition security assessment in a community of Salvador, Brazil. *Cienc e Saude Coletiva* [Internet]. 2020;25(7):2595–604. doi: 10.1590/1413-81232020257.25252018

[29] Silva I de FO, Souza LMS de. Vulnerabilidade social e acesso aos alimentos em tempos de pandemia por COVID-19. *Segurança Aliment e Nutr.* 2022;29:e022027.

[30] Machado CJB, Menasche R. “Pobre não tem hábito alimentar, pobre tem fome”: reflexões sobre consumo e políticas públicas. In: Collaço JHL, Barbosa FAC, Roim, TPB, organizador. *Cidades e consumo alimentar: tradição e modernidade do comer contemporâneo*. Goiânia; Editora Imprensa Universitária. 2016. p. 144–73.